

Mídia, religião e política: a evangelização da campanha presidencial

Alexandre Brasil Fonseca*

RESUMO

Nas eleições gerais de 2002, mereceu destaque na imprensa a evangelização da campanha para presidente do candidato Anthony Garotinho. Compreendemos seu caso como um interessante exemplo em que mídia e política se encontraram intermediadas pela religião. Inicialmente, apresentamos um breve perfil do político, para, em seguida, abordarmos sua atuação eleitoral. Em nossa conclusão, salientamos o alcance e a limitação que representou assumir-se como “candidato evangélico”.

Palavras-chave: Evangélicos e mídia; pentecostalismo; mídia e política.

ABSTRACT

Media, religion and politics: the candidacy of Anthony Garotinho and the evangelization of the presidential campaign. In the general elections of 2002 the evangelization of Anthony Garotinho campaign for president was pointed out in the press. His case is understood as an interesting example where the media and the politics reach an interection by the means of religion. Initially we present a brief profile of the politician, and after that an approach on his electoral performace. In our conclusion, we point out the campaign's reach as well as its limits once the politician assumed a position of an “evangelical candidate”.

Keywords: *Evangelicals and media; pentecostalism; media and politics.*

RESUMEN

Medios, religión y política: la candidatura de Anthony Garotinho y la evangelización de la campaña presidencial. En las elecciones generales de 2002 la evangelización de la campaña para presidente del candidato Anthony Garotinho mereció prominencia en la prensa. Entendemos su caso como ejemplo interesante donde medios y política si relacionan por intermedio de la religión. Presentamos inicialmente un breve perfil del político, para después acercarnos de su acción electoral. En nuestra conclusión, precisamos el alcance y la limitación que representaron para él asumirse como “candidato evangélico”.

Palabras clave: *Evangélicos y medios; pentecostalismo; medios y política.*

Nas eleições gerais de 2002, mereceu destaque na imprensa o desempenho e a atuação do candidato do Partido Socialista Brasileiro (PSB) à Presidência da República, Anthony Garotinho. No início do horário eleitoral gratuito, apresentou-se como estadista e posou ao lado de figuras históricas como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Durante a campanha, destacou-se por possuir um discurso mais duro em relação ao sistema financeiro, por seu comportamento de “franco-atirador” nos debates e, principalmente, devido a sua filiação religiosa: evangélico.

Fez parte de sua estratégia, evangelizar a campanha. Toda uma estrutura paralela foi criada no interior da comunidade evangélica, possuindo a mídia, especialmente o rádio, importância central nesta construção. Desde 1999, era possível identificar articulações em torno de uma possível candidatura de Garotinho à Presidência e, nesse processo de nacionalização do seu nome para a viabilização da campanha, a veiculação de programas em emissoras de rádio evangélicas.

Neste artigo, abordaremos elementos que caracterizam a atuação de Garotinho. Compreenderemos o caso como um interessante exemplo em que mídia e política se encontraram intermediadas pela religião. Inicialmente, apresentamos um breve perfil, para em seguida citarmos sua atuação eleitoral, o uso da mídia e a evangelização da campanha. Por fim, em nossa conclusão, salientamos o alcance e a limitação que representou assumir-se como “candidato evangélico”.

Garotinho: radialista, político e evangélico

Nascido em Campos - cidade de 400 mil habitantes no norte do Estado do Rio de Janeiro - em 1960, Anthohty William Garotinho Matheus de Oliveira é de família de classe média baixa. Seu pai, um advogado, faleceu quando Garotinho tinha 15 anos e, nesse contexto, sua mãe sofreu de depressão. Foi criado por seu avô, um pequeno comerciante libanês, com quem manteve boa relação. Com a perda do pai e a doença da mãe, acabou se tornando um “adolescente rebelde”. Acabou canalizando suas energias para o teatro amador e para a militância estudantil, tendo sido convidado a participar, como líder do grêmio da escola, do Partido Comunista (PC). Foi no movimento estudantil, durante a ditadura, que iniciou suas atividades políticas.

Nos estudos chegou a cursar técnico em contabilidade, mas foi o teatro a primeira paixão levando-o ao Rádio. As peças escritas e encenadas por Garotinho, em Campos, caracterizavam-se pela preocupação social, provavelmente fruto de seu envolvimento com grupos relacionados ao Partido Comunista na cidade. Com 16 anos, ao falar em uma rádio para divulgar uma peça que encenava, foi convidado a tornar-se locutor da emissora. Sua semelhança com um famoso radialista carioca chamado Garotinho lhe conferiu o mesmo apelido.

Segundo Garotinho, a popularidade de seu programa foi importante na organização da primeira greve dos cortadores de cana de Campos, após a abertura política, participando na mobilização. Dessa época, lembra-se da importância de sua participação no rádio e nos piquetes em frente às usinas: “*usei o*

meu programa para denunciar a oligarquia de Campos e organizar o povo através de sindicatos para quebrar a hegemonia dos usineiros” (Entrevista, 10/04/2002). O sindicato dos trabalhadores rurais acabou desempenhando importante papel para o início de sua carreira política, saindo candidato a vereador pelo PT. Mesmo sendo o mais votado, não se elegeu devido ao baixo quociente eleitoral conseguido pelo partido.

Como retaliação, após as eleições, não conseguiu emprego em mais nenhuma emissora na cidade. Para conseguir um horário e continuar trabalhando em rádio, seria necessário alugar um horário. Para tanto, foi solicitar ao governador recém-eleito Leonel Brizola¹ um patrocínio do banco estadual (Banerj). Além de conseguir o patrocínio, Garotinho também decidiu trocar o PT pelo PDT em 1983, por considerar o partido em Campos um “grupinho sectário”.

Nas eleições de 1986, então com 26 anos, foi eleito deputado estadual alcançando 36 mil votos. Em 1988, foi lançado como candidato das oposições à prefeitura para derrotar a oligarquia canavieira de Campos e acabou ganhando as eleições. Como prefeito, manteve, durante todo o seu mandato, um alto índice de popularidade.

Ao terminar seu mandato, assumiu a Secretaria Estadual de Agricultura, cargo em que permaneceu até 1994, quando foi escolhido para ser candidato ao governo do Estado. O desgaste do brizolismo no Estado era grande, associado agora fortemente por seus opositores ao banditismo e à incompetência administrativa. Sua campanha caracterizou-se pelo afastamento da desgastada figura de Brizola e, con-

tra os prognósticos, acabou chegando ao segundo turno, quando perdeu por pequena margem de votos para o ex-brizolista Marcello Alencar do PSDB.

É durante a campanha que, segundo Garotinho, ocorre o fato mais importante de sua vida. Entre uma viagem e outra, pelo interior do Estado, seu carro sai da pista e ele é lançado para fora do veículo. Gravemente acidentado, é levado para um hospital onde é operado por várias horas. Durante a sua recuperação é que acontece sua conversão, como relata em seu livro *Virou o carro, virou a minha vida*:

“Às 3 da manhã, no quarto do hospital, recém-operado, pude ver o acidente passando na minha frente como se fosse um filme, cada detalhe. (...) Sentia que era algo sobrenatural, da parte de Deus. Aquela visão me fez entrar numa crise convulsiva de choro. Chorei várias horas naquela madrugada, mais do que todas as vezes que chorei em toda a minha vida. E eu sentia algo quente queimando dentro de mim” (p. 34).

Após a derrota, Garotinho precisava reorganizar sua vida. Opta por continuar morando no Rio de Janeiro, onde retoma a profissão de radialista. Em 1996, voltou a residir em Campos, onde foi lançado candidato a prefeito. Havia certa resistência a seu nome como candidato por ele estar afastado da cidade, como consequência do estabelecimento de sua vida profissional e política fora da cidade. Mesmo assim, sai vitorioso ainda no primeiro turno, com 74% dos votos.

Nas eleições para governador, em 1998, Garotinho sai novamente candidato tendo o importante apoio do PT o que acaba lhe garantindo um número de votos na capital que não obteve no pleito anterior. Sua imagem vinculada ao fato de ser do interior, de ter como nome um diminutivo “Garotinho”, associado à sua juventude (eleito governador com 38 anos) ao lado do apelido com que é conhecido nas esferas íntimas “Bolinha”, provavelmente contribuíram para sua negação por grande parte da sociedade carioca, especialmente das classes médias e elites.

A atuação política de Garotinho é direcionada para os mais pobres e miseráveis, reflexo de sua longa filiação ao PDT, e que teria na figura do banguela seu target preferencial. Garotinho formou-se dentro do brizolismo respeitando a perspectiva da democracia social ou mesmo dentro do escopo populista. Seu projeto político poderia ser definido pela:

“elaboração de estratégias voltadas preferencialmente para os excluídos de todos os matizes. A opção pelos pobres e excluídos em geral. A estética, centrada na figura expressiva e perturbadora do riso ou grito sem dentes, a boca escancarada do banguela, que representa o homem destituído da potência cívica da cidadania e dos bens que ela implica. [...] Ser brizolista significa ser meio cafona, dessarrumado. Significa estar, premeditadamente, fora dos padrões estéticos supostamente burgueses” (Sento-Sé, 1999, p. 155 e 195).

Uso da mídia e evangelização em uma campanha eleitoral

Pesquisas apontaram que Garotinho mereceu um percentual significativo de votos evangélicos, enfrentando uma série de dificuldades operacionais em sua campanha em um pequeno partido. O uso do rádio foi central em sua estratégia que visava pescar votos primeiramente no aquário evangélico, para depois se aventurar diante da disputa de eleitores em meio ao mar revolto e aberto de uma campanha. Em relação aos evangélicos, investiu pesadamente na Universal e na Assembléia de Deus e afirmou-se entre os pentecostais, voltando também, sua atenção aos batistas e tendo garantido a identificação com alguns outros históricos, ao manter viva sua filiação ao presbiterianismo. Enfim, ele compôs um blend até então inédito para esse setor religioso.

Logo após a vitória para governador, temos a presença na mídia foi intensa. Fora dois programas de rádio, um diário e outro aos sábados, foi possível, durante um curto período de tempo, acompanhar o governador “prestando contas” em um programa de televisão também veiculado nas manhãs de sábado pela TV Record.

Um dos principais locais para a divulgação da idéia da presidência foi o programa de rádio A Paz do Senhor, Governador. O programa era apresentado, diariamente, na Rádio Melodia às 10h50, sendo repetido às 16h e possuía duração média de dez minutos. Totalmente voltado para os evangélicos, nele eram lidas cartas e trechos da Bíblia, além de conversas com o então deputado Francisco Silva sobre as ações do governo. No domingo à noite, Palácio das Laranjeiras, residência

oficial do governador, eram gravados, de uma vez, os trechos que seriam transmitidos durante a semana.

Monitoramos 51 programas transmitidos no final de 1999 e em meados de 2000. Nos últimos quinze dias de dezembro, por exemplo, apareceram em dez programas referências à candidatura de Garotinho à Presidência, o que sempre era questionado por ele num ambiente de cordialidade e diversão. Silva dizia “tô falando” quando em alguma carta alguém falava na possibilidade de ele ser presidente. E ele respondia bem humorado algo como: “*calma, você tá muito afobado... você vai acabar me complicando?*”. Os dois são especialistas no rádio e acabam produzindo um espaço em que, de forma leve e agradável, oferecem entretenimento ao público e recolhem milhares de cartas, endereços que são importantes para as campanhas eleitorais.

O programa era feito a partir da leitura de cartas enviadas a Garotinho, que aproveitava para comentar ações e planos do governo ou para convidar os ouvintes para diferentes eventos relacionados à sua administração ou relacionados a viagens para pregação patrocinadas pela Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno (Adhonep). Com o objetivo de tornar sua rádio uma rede nacional, Silva já havia feito acordo com um empresário de São Paulo e a emissora passou a ter sua programação também transmitida lá.

Já no ano de 2000, com maior volume de cartas e vários outros acordos com emissoras de diferentes estados (MG, PE, AL, PB, PA, PR, DF, SP e AM) para a retransmissão, temos somente a leitura dos remetentes (cerca de 20 por programa). Leituras da Bíblia e orações por temas específicos também são

feitas. Na imprensa, eles apareceram como parte da estratégia para a candidatura do governador à Presidência, objetivando fazer o seu nome conhecido fora do Rio de Janeiro. Garotinho nega essa versão:

“Os acordos que ele faz é porque ele tem o projeto de tornar a Melodia uma rede nacional, não é para divulgar o programa. (...) hoje ele só tem [entre deputados] com o Silas Câmara na região norte e com o Mário de Oliveira de Minas [não há mais transmissão em PE e AL] [...] Acho que é negócio de rádio, eu nunca me envolvi com isso. [...] Com o deputado Silas Câmara, tenho que fazer um esclarecimento, não há envolvimento do Francisco Silva. Tanto que eles não transmitem a Rede Melodia. Eles só transmitem o meu programa. As outras rádios, como a de São Paulo, Paraná, Brasília e a de Minas, transmitem toda a programação musical, a Rede Melodia. As rádios do pastor Samuel Câmara transmitem só o programa A Paz do Senhor Governador e é uma deferência a mim, como amizade minha com ele” (Entrevista, 10/04/2002).

Ao analisarmos as cartas que foram lidas nos programas que monitoramos, encontramos algumas interessantes informações: 40% delas foram escritas por membros da Assembléia de Deus e 20% por batistas, confirmando a maior adesão dessas denominações - as maiores do Brasil - à emissora (cf. Fonseca, 2003). No período, foram feitas menção a 218 cartas. Destas, 117 foram enviadas de cidades

do Rio de Janeiro, sendo 34 cartas da capital e 35 da região da Baixada Fluminense. Apenas cinco dos que escreveram eram fiéis da Igreja Universal.

Se pelo rádio ele atingia, no final de 2000, oito Estados, com um público potencial de 15 milhões de ouvintes/eleitores (JB, 10/12/2000), suas viagens para pregar também foram recorrentes, tendo ele pregado, em seu primeiro ano de governo, em diversas ocasiões. Durante os dois meses que acompanhamos seu programa de rádio, ele pregou em nove ocasiões, duas em São Paulo, duas em Minas Gerais, uma em Goiás, uma no Mato Grosso do Sul, uma no Rio de Janeiro e duas no Nordeste (Recife e São Luís).

É fato que sua atividade religiosa teve momentos de mais intensidade, como o final de 1999, e momentos de afastamento, quando esteve decidindo a sua transferência para o PSB (final de 2000). O mês de abril de 2001, foi um período em que ele retomou intensamente sua agenda religiosa, motivada pelo lançamento de seu livro-testemunho. Foi realizado um “culto de consagração” na cidade de Volta Redonda (local onde ocorreu o acidente), uma coletiva de imprensa para os jornais e revistas evangélicos, participação em programas de rádio e televisão dirigidos por evangélicos, além de pregações nas convenções da Igreja Assembléia de Deus (em São Paulo) e Batista (no Espírito Santo). O lançamento aconteceu no stand da Sociedade Bíblica do Brasil na Bienal Internacional do Livro.

Os líderes políticos não souberam capitalizar até o momento, de forma tão eficiente quanto Garotinho e sua equipe, uma ação e presença entre os evangélicos.

Garotinho tem feito isto motivado pela sua capacidade de comunicação ao lado de uma assessoria que, de forma competente, tem sabido apresentá-lo a este target. Tudo teria começado com Benedita da Silva que, ao vê-lo falar de sua conversão em uma igreja, aconselhou-o a fazer isso mais regularmente, pois sua fala era “muito sincera”. Político com paixão pelo microfone e animado com a possibilidade de contar sua conversão, dedica-se às viagens onde dá o seu testemunho. Eram agendadas, regularmente, atividades em várias igrejas, sendo a preferência de sua equipe as Assembléias de Deus. Os convites também surgem e dessa forma ele foi compondo uma intensa atividade religiosa.

Quanto eleitoreira foi essa atividade? Parece-me que, para Garotinho, isso não representava uma questão, já que ele mesmo considerava sua administração como um governo-campanha. Mesmo em suas atividades regulares da administração, ele as compreendia como atividades referentes a uma campanha política, chegando a afirmar que viajava muito pelas cidades do interior para que o prefeito local não ganhasse prestígio sozinho graças a uma inauguração feita com recursos do Estado.

Ao comentar se havia um aproveitamento eleitoral do ex-presidente e tradicional político mineiro Tancredo Neves em sua relação com várias irmandades católicas do Estado, o padre e historiador José Oscar Beozzo afirma: *“Eu não vou dizer assim. Tancredo era um homem profundamente religioso. Agora, era um político. Por isso que eu disse que ele entrou em todas as irmandades”* (Dines *et al.*, 2001, p. 56). A mesma

frase, *mutatis mutandis*, aplica-se à relação que Garotinho estabelece com as igrejas evangélicas.

O segredo de seu êxito talvez esteja exatamente na clareza de seu staff do papel eleitoral dessa atividade, aliado ao prazer que ele tem em fazer isso. Durante a entrevista, comentei o quão irresistível para a comunidade evangélica era sua pregação - ponto que trataremos adiante - o que ele no final, uma hora depois, retomou animado: *“Você gostou da minha pregação?”*. Meio sem entender a pergunta, ele lembrou-me de que tinha dito que ele foi “irresistível” na noite anterior. Argumentei que fazia referência ao quanto ele era atrativo para o público evangélico e não ao conteúdo ou forma. Um pouco desiludido, disse: *“Você tem que me ver pregar, aquela não valeu”*. Respondi que já o tinha visto pregar em sua igreja local, no culto de aniversário da comunidade. Ele respondeu empolgado: *“Aquela foi a minha primeira vez, não valeu. Agora estou pregando muito melhor.”*

Suas formulações fundamentadas na idéia de “mudar o homem para mudar o mundo” parecem-me irresistíveis para a comunidade evangélica. Este foi o mote das pregações que Garotinho fez por todo o país. A partir de uma “parábola” ele conta que um professor de geografia atarefado com a correção de provas e após ter sido incomodado por seu pequeno filho, faz um desafio a este na esperança de conseguir um tempo maior de sossego. Ele corta um mapa do mundo, entrega para o menino e pede que ele o monte. Certo da incapacidade do filho para a tarefa surpreende-se ao ver que o menino havia executado a tarefa em pouco tempo. Como isto teria sido possível? O filho

responde que de fato não tinha idéia nem de como começar, até o momento em que viu no verso de uma das peças o braço de um homem. Ao observar os versos das outras figuras foi consertando o homem e no final o mundo também estava consertado. A única forma de consertar o mundo para ele seria por intermédio da pregação cristã a qual, graças ao novo nascimento, formaria novos homens, os quais, então, estariam aptos a tornar o mundo mais justo.

Fora esse apelo por uma maior atividade religiosa dos fiéis, Garotinho mantém sua associação a uma igreja tradicional e se define como professor da Escola Dominical. O somatório destas características talvez confira a ele um apoio maior do que o esperado pela maioria dos analistas que consideram a heterogeneidade evangélica à qual vem, até o momento, sendo bem coberta por Garotinho e sua equipe, garantindo uma significativa receptividade, o que foi demonstrado tanto por sua aceitação entre os evangélicos no Rio de Janeiro - maior do que no conjunto da população - como também em seu desempenho nas eleições presidenciais.

Seu desempenho na campanha presidencial chamou a atenção, pois concorreu com poucos recursos e sem apoio de uma efetiva estrutura partidária. A vitória de sua esposa nas eleições do Rio de Janeiro o manteve em sua plataforma política local. No início da gestão, ocorreram diversas crises, as quais redundaram em mais uma mudança partidária que levou o casal a ingressar no PMDB, ao lado de uma atuação discreta de Garotinho como secretário de segurança pública. A estratégia adotada para a campanha presidencial, provavelmente,

guardava principalmente o desejo de representar um teatro e perceber suas possibilidades. Também havia o cálculo de que, em uma eleição sem polarização e com quatro candidatos destacados, o diferencial evangélico poderia dar condições para uma chegada em segundo lugar, para participar de nova disputa em que novos elementos estariam estabelecidos.

Certamente, Garotinho vivencia aquilo que Richard Sennet chamou de “personalização da política”, característica central da prática política numa sociedade capitalista. Para Saes, teríamos, nesta prática, uma espécie de “populismo *Stricto sensu*”, em que *“o líder político que, na sociedade capitalista, parte em busca de poder obtém credibilidade e legitimidade junto a um certo público não pelo conteúdo das suas ações políticas ou pelos seus programas políticos e sim pelo tipo de homem que ele mostra ser”* (Saes, 2001, p. 73).

Evangélico, pai de nove filhos, sendo cinco adotados, marido que se diz apaixonado e que se define como marido romântico, com uma esposa presente, desinibida e participante, são as marcas que Garotinho vem difundindo na mídia. Para ele, não passam de suas características pessoais, as quais, somadas a uma propalada capacidade administrativa e probidade, formariam o “produto Garotinho”. Sobre a associação de suas práticas ao populismo ele rebate:

“Respondo com a minha história os que me acusam de populista. Quando comecei no rádio usei o meu programa para denunciar a oligarquia de Campos e organizar o povo através de sindicatos para quebrar a hegemonia dos usineiros. [...] Em meu mandato em Cam-

pos eu criei algo muito mais forte que o orçamento participativo do PT que era o Conselho Popular. Em cada bairro da cidade tinha um grupo que discutia em que a população queria que o dinheiro público fosse aplicado ali. Em 1989 Campos chegou a ter 5 mil conselhos. Me reunia com os Conselhos todo o mês e envolvia muito mais gente do que a proposta do PT. [...] Me chamar de populista por quê? Agora, uma coisa que não vou abrir mão, além de ter essa organização que faz com que haja uma democracia participativa, é de uma linha direta com a população” (Entrevista, 10/04/2002).

Definir populismo não é tarefa fácil. Porém, bastanos, no atual contexto, voltar nossas atenções para as abordagens que sublinham o impedimento de uma efetiva participação da população no processo político a partir de uma política de manipulação das massas (Gomes, 1996). Sobre isto, Garotinho foi certo em sua defesa, assumindo-se como político que busca incentivar a participação, contrapondo-se à idéia de manipulação. Interessa-nos, neste momento, indicar que, de um modo geral, a associação de Garotinho a uma política populista - já chamada de “neopopulismo” ou de “discreto populismo” na imprensa - dificilmente não estará associada à sua figura. Tanto pelo discurso e práticas como também por sua origem dentro do brizolismo e, principalmente, pelo caráter popular que adota em sua prática, estando posto constantemente para ele o fio da navalha entre reproduzir ou não práticas populistas em suas administrações e em suas campanhas eleitorais.

Conclusão

Eram dois os principais grupos que ansiavam promover a candidatura de Garotinho. De um lado, aqueles da chamada República de Campos, amigos do círculo íntimo do governador que ocupavam postos-chaves no governo, e, de outro, os evangélicos. As críticas à condução deste projeto partiram de todos os lados, desde o primeiro ano de governo, especialmente daqueles que em algum momento atuaram como aliados.

São comuns as acusações de que Garotinho poria em perigo a democracia por unir Igreja e Estado. Em suas formulações, poderíamos identificar mais uma aproximação da religião com a política, prática recorrente em nossa história, estando ele distante de qualquer estrutura que remeta a uma espécie de teocracia. Para ele, *“dá perfeitamente para conciliar o Estado secular, um Estado que não tenha religião, laico, mas em que cada um, individualmente, tenha a sua fé. Creia em Deus e você possa viver numa sociedade plural”* (Entrevista, 10/04/2002), numa configuração que foi definida por Demerath (2001) como de um estado secular ao lado de uma política religiosa.

Por outro lado, ao defender esta divisão, ao contrário do que prega a Teologia da Libertação, p. ex., ele acaba promovendo separação entre a suas crenças religiosas e a política. A fé oferece alguns indicativos, mas sua real contribuição estaria mais direcionada ao indivíduo e a sua salvação: *“o cristianismo é uma doutrina de vida, uma doutrina social importante, tem ensinamentos políticos importantes que podem ser aplicados. Ensinamentos éticos da maior importância e é, sobretudo, uma preparação para uma outra vida”* (Entrevista, 10/04/2002). Compreensão do papel da religião, completamente fora da prática política,

e que fica explicitado em sua pregação. Realidade que se aproxima da prática encontrada por Novaes (2001), na qual os pentecostais “religiogizavam” categorias políticas ao mesmo tempo em que as CEBs politizavam categorias religiosas.

Garotinho corre por fora das estruturas eclesiásticas, não precisando sentir-se responsável pela manutenção e ampliação das igrejas evangélicas. Assim, enquanto o corporativismo é um elemento central para os deputados, ligados a Igreja Universal do Reino de Deus, o qual sempre pôde ser relacionado à participação dos pentecostais na política (Freston, 2001), em Garotinho ele não aparece, sendo mais perceptível, em sua ação, a presença de um discurso triunfalista em que, às vezes, ele é apresentado como um escolhido de Deus.

Como pontua Lima (2001), vivemos em uma sociedade “media-centered”. Contexto em que a mídia passa a substituir os partidos políticos, sendo a principal mediadora entre os políticos/candidatos e os eleitores. A mídia passa a ser responsável pela fiscalização do poder público, pela definição das agendas relevantes, pela crítica das políticas públicas, portavoz das demandas da população para o governo. Estar na mídia passa a ser o anseio de todos os políticos e esfera privilegiada de ação, a qual, no caso de Garotinho, encontrou na religião importante ponte para lhe garantir constante presença entre determinado eleitorado.

Político profissional com longa história de militância política e vários êxitos eleitorais, Garotinho e seu grupo identificaram em sua conversão um importante elemento de sua biografia, o qual passou a ser constantemente acionado durante sua gestão como

governador. Nos três anos em que governou o Rio de Janeiro, seu discurso religioso manteve-se presente em sua presença na mídia e ampliou-se no início de sua campanha presidencial, onde buscou angariar o apoio da maior parcela possível de evangélicos, sendo esta uma das estratégias de sua coordenação de campanha.

Sem tradição religiosa, a primeira tarefa foi assegurar a veracidade de sua conversão. Para tanto, dedicou-se a viajar regularmente nos finais de semana para contar o seu testemunho. Profissional de rádio, se aproveitou do meio para se fazer conhecido por intermédio de uma rede nacional de emissoras evangélicas que foi montada a partir do Rio de Janeiro. Dentro desta estratégia, escreveu um livro no qual conta sua experiência de conversão ao lado de alguns casos segundo os quais o fato de ser evangélico o teria influenciado positivamente nas decisões do governo. Em um ano, cerca de 50 mil exemplares foram impressos. Nas diversas viagens que fazia para pregar, contava com o apoio e as bênçãos da Adhonet, empresários que pagavam os seus custos e que, certamente, tinham interesses nessa aproximação.

No início de 2002, foram escolhidos contatos nacionais e foi formado o Movimento Garotinho Presidente. O objetivo seria auxiliar na formação de uma estrutura suprapartidária para a candidatura de Garotinho, não devendo a mesma preocupar-se somente com a campanha entre os evangélicos, mas sim no conjunto da sociedade. Não nos foi possível verificar a extensão e a efetividade dessa proposta, porém parece-nos que, para Garotinho e seu grupo, a comunidade evangélica representou um importante espaço para a conquista de votos e para a viabilização

de uma campanha nacional. A organicidade das igrejas e sua capilaridade social são características que favoreceram essa estratégia.

Bom comunicador e bem assessorado teve acesso a diferentes púlpitos em todo o País. Em suas pregações, abordava tópicos incomuns para a maioria dos fiéis presentes. A questão da justiça social e a condenação da política econômica adotada eram recorrentes, além da identificação dos problemas nacionais e a necessidade de enfrentá-los, porém, seus discursos também salientavam a importância da igreja e da atividade evangelizadora. Esses elementos davam forma a uma mensagem que parecia ser irresistível para boa parte de seus ouvintes da seara evangélica.

Os discursos de Garotinho só foram possíveis no momento em que a presença da religião, na esfera pública, se dá por sua defesa da liberdade individual de consciência, não postulando qualquer tipo de interferência da visão religiosa de mundo para o conjunto da sociedade. A autonomia das esferas é mantida e são exigidas, em diferentes momentos e situações, explicações sobre a existência de mistura da religião com a política, do privado com o público.

Na sabatina promovida pela Folha de S. Paulo (15/08/2002), o tema da religião foi um dos destaques na entrevista com Garotinho; porém, este se esquivou de perguntas específicas sobre como vivenciava sua crença, para então argumentar: *“Sou candidato a presidente e não a pastor”*. Políticos que adotam, como mote de campanha, sua identidade religiosa precisam dedicar-se a questões externas ao conjunto de termos e valores intrínsecos à esfera religiosa.

Nas eleições de 2002, observamos uma nova inserção dos evangélicos na política, o qual se deu de maneira mais organizada, sendo coberto um leque mais amplo de filiações ideológicas a partir das diferentes denominações. Nessa diversidade, poderíamos ter presenciado, por intermédio dos evangélicos - no passado, associados à imagem de conservadores - e da evangelização de uma campanha presidencial com intenso uso da mídia, a eleição de um presidente de um partido que se define como socialista.

Porém, não seria possível para Garotinho somar o “melhor dos dois mundos”, conseguindo, entre os evangélicos, a margem de votos necessários para o ingresso no segundo turno sem com isso aumentar sua rejeição entre os fiéis de outras religiões ou de pessoas sem religião. Numa candidatura a cargo majoritário, a prática de “religiogizar” o discurso político só serve internamente à comunidade religiosa, não sendo plausível assumi-la como bandeira pública. Garotinho tentou fugir dessa caracterização, porém, a estratégia adotada em sua campanha foi colada à questão religiosa. O label evangélico serviu como impulso para a viabilização de sua candidatura ao ser veiculado regularmente na mídia voltada para os evangélicos, entretanto, também acabou por representar impedimento para sua expansão no momento em que a grande imprensa e outras mídias repercutiram sua opção religiosa.

Notas

¹ Nesta união com Leonel Brizola estaria, talvez, a primeira inclinação de Garotinho para os evangélicos. Brizola foi criado por um pastor metodista, apesar de nunca ter adotado essa religião, assume os valores austeros da ética protestante,

sendo percebido por Sento-Sé (1999, p. 163) uma “filiação marcadamente cristã no discurso brizolista. Fazer política numa perspectiva brizolista é, fundamentalmente, assumir com radicalidade a opção pelos pobres e desvalidos”.

² A justiça proíbe que ocorra campanha antes do período determinado pela lei eleitoral.

Referências Bibliográficas

DEMERATH III, Nicholas Jay. *Crossing the gods: world religions and worldly politics*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2001.

DINES, Alberto et al. (orgs.). *História do poder: 100 anos de política no Brasil*. Ecos do parlamento. São Paulo: Editora 34, vol. 2, 2000.

FONSECA, Alexandre Brasil. *Evangélicos e mídia no Brasil*. Bragança Paulista: Edusf; São Boaventura; IFAN, 2003.

FRESTON, Paul. *Evangelicals and Politics in Asia, Africa and Latin America*. Cambridge: CUP, 2001.

GOMES, Angela de Castro. “O populismo e as ciências sociais: notas sobre a trajetória de um conceito”. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 31-58, dez..

LIMA, Venício. *Mídia: teoria e política*. São Paulo, Perseu Abramo, 2001.

NOVAES, Regina. *A divina política: notas sobre as relações delicadas entre religião e política*. Revista da USP, São Paulo, n. 49, 2001, p. 60-81, mar./mai..

SAES, Décio. *República do capital: capitalismo e processo político no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2001.

SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo*. Rio de Janeiro: FGV & Espaço e Tempo, 1999.

* **Alexandre Brasil Fonseca** é doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e autor do livro *Evangélicos e mídia no Brasil* (2003).

